

<http://www.clicrbs.com.br/jornais/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&edition=7598&template=&start=1§ion=Economia&source=Busca%2Ca1476556.xml&channel=9&id=&titanterior=&content=&menu=23&themeid=§ionid=&suppid=&fromdate=&todate=&modovisual>

ZERO HORA

Exibindo conteúdo de 16 de abril de 2007. Edição nº 15210



Brasil não respeita acordos sobre remédios, critica Kogan

Foto(s): Cynthia Vanzella/ZH

"Fazer papel de Robin Hood não é correto"

Entrevista: **Lawrence Kogan, presidente do Instituto para o Comércio, Padronização e Desenvolvimento Sustentável dos EUA**

Zero Hora - Como a queixa formal dos Estados Unidos contra a China feita na semana passada, que envolve questões de direito intelectual, deve afetar o tratamento do assunto no mundo?

Lawrence Kogan - A questão levada à Organização Mundial do Comércio (OMC) é em parte política e em parte legal. Ainda está na primeira fase. Mas tem o efeito de fazer a China perceber como essa questão é importante. No caso da falsificação e da pirataria, talvez o governo chinês esteja fazendo de conta que não vê. Essas atividades representam emprego para muitas pessoas, mas isso não as torna corretas.

ZH - Como é possível tratar com justiça a propriedade intelectual em países ricos e pobres, já que as oportunidades na área são muito diferentes?

Kogan - O direito de propriedade antecede a questão da propriedade intelectual. Se não houver proteção, as pessoas não terão interesse em desenvolver direitos nessa área. Os pobres têm idéias, mas não sabem como destravar esse conhecimento e colocá-lo no mercado - não têm mecanismos legais e contatos no universo dos negócios. Assim, não percebem os benefícios.

ZH - Como o senhor avalia a iniciativa do Brasil de fazer acordos para fabricar remédios, especialmente anti-Aids?

Kogan - Nos EUA e na lei da OMC, está estabelecido que, quando um governo toma uma patente em nome do interesse público, tem de pagar indenização. O Brasil ameaçou quebrar as licenças, e isso reduziu o valor dos produtos. Isso não é justo. É compreensível que os governos queiram preços mais acessíveis, a lei americana também prevê os genéricos, mas após um período de três a seis anos. O Brasil não respeitou esse período. Todos entendemos que é importante garantir acesso para as pessoas, mas fazer papel de Robin Hood não é a maneira certa.

<http://www.clicrbs.com.br/jornais/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&edition=7598&template=&start=1§ion=&source=a1476555.xml&channel=9&id=&titanterior=&content=&menu=23&themeid=§ionid=&suppid=&fromdate=&todate=&modovisual>

Evento

Propriedade desafia pensadores

LÚCIA RITZEL E MARTA SFREDO

Numa época conturbada por invasão de terras e de reação aos prejuízos provocados em todo o mundo pela pirataria, a 20ª edição do Fórum da Liberdade reúne hoje e amanhã, na Capital, intelectuais de diferentes países para analisar como o direito à propriedade afeta o desenvolvimento das nações.

Em entrevistas concedidas ontem, dois dos palestrantes convidados - o indiano Barun Mitra e o **norte-americano Lawrence Kogan** - anteciparam algumas das polêmicas em foco.

Veja nas matérias **"Fazer papel de Robin Hood não é correto"** e **"O estado de direito protege todos, especialmente os pobres"**

O 20º Fórum da Liberdade
Onde: Prédio 41 da PUCRS (Av. Ipiranga, 6.681), Porto Alegre
Quando: hoje e amanhã
Quanto: estudante, R\$ 50; estudante de empresas parceiras, R\$ 25; profissional, R\$ 150; profissional de empresas parceiras, R\$ 75; executivo, R\$ 500; executivo de empresas parceiras, R\$ 250.